

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE URUAÇU

GLEICKELLE RODRIGUES DE LIMA

**A DISGRAFIA NO ÂMBITO ESCOLAR: UM OLHAR A PARTIR DA ÓTICA
DOCENTE**

URUAÇU-GO
2023

Gleicikelle Rodrigues de Lima

**A DISGRAFIA NO ÂMBITO ESCOLAR: UM OLHAR A PARTIR DA ÓTICA
DOCENTE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de licenciatura plena em pedagogia da Universidade Estadual de Goiás/Câmpus Uruaçu, sob a orientação da professora Ma. Cirlene Pereira dos Reis Almeida.

URUAÇU-GO
2023

Gleicikelle Rodrigues de Lima

**A DISGRAFIA NO ÂMBITO ESCOLAR: UM OLHAR A PARTIR DA ÓTICA
DOCENTE**

PROF. MA. CIRLENE PEREIRA DOS REIS ALMEIDA
Universidade Estadual de Goiás - UEG
Orientadora da monografia

PROF. ME. CLÁUDIA REGINA V. BERTOSO LEITE
Universidade Estadual de Goiás – UEG
Arguidora-Membro da Banca

PROF. DR. ERICA NELCINA DA SILVA
Universidade Estadual de Goiás – UEG
Arguidora-Membro da Banca

LIMA, Gleicikelle Rodrigues de.

A DISGRAFIA NO ÂMBITO ESCOLAR: um olhar a partir da ótica docente. Gleicikelle Rodrigues de Lima. – Uruaçu – Go, 2021. 70p.

Orientadora: Cirlene Pereira dos Reis Almeida

Monografia (Graduação) – Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Norte, Sede Uruaçu-Go, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, 2023.

Dedico esse trabalho aos meus pais, Eivaldo Oliveria e Selma Rodrigues por me incentivarem, e a meu amor e companheiro, Matheus Campos que sempre esteve ao meu lado me motivando.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por me proporcionar saúde e me dar forças para concluir este trabalho.

Aos meus, pais Erivaldo Oliveria e Selma Rodrigues, que se mantiveram presentes nessa trajetória, me dando palavras de conforço e perseverança.

Ao meu amor, Matheus Campos, que me incentivou a nunca desistir e a persistir na conclusão do trabalho.

A todas as pessoas que fizeram parte dessa etapa e que contribuíram de maneira significativa para a realização desse sonho.

A todos vocês, o meu muito obrigada.

É necessário fazer outras perguntas, ir atrás das indagações que produzem o novo saber, observar com outros olhares através da história pessoal e coletiva, evitando a empáfia daqueles e daquelas que supõem já estar de posse do conhecimento e da certeza.

Mario Sergio Cortella

RESUMO: A disgrafia refere-se a um transtorno de aprendizagem que se não for diagnosticada e cuidada acarreta uma série de problemas para o aluno. Sendo assim, este trabalho objetiva discorrer sobre a disgrafia e suas implicações no processo de ensino e aprendizagem no ensino fundamental I, a partir da ótica docente. Sobre a metodologia, foram adotadas a pesquisa de cunho exploratório e também a pesquisa bibliográfica. O arcabouço teórico insere-se no âmbito de estudos pertencentes à área da educação e da psicologia. Quanto aos resultados obtidos foram os seguintes: o aluno precisa de um diagnóstico dado por um profissional qualificado, quanto antes iniciar as medidas pedagógicas necessárias melhor será para o desenvolvimento do aluno, o professor precisa conhecer mais sobre a disgrafia no sentido de melhorar o aprendizado da criança, a família é peça fundamental para o acompanhamento.

Palavras-chave: Disgrafia, Transtorno da Escrita, Ensino e Aprendizagem, Problemas de Aprendizagem.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM: DISTÚRBIOS, TRANSTORNOS E DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM	12
1.1 Características, causas, tipos de Disgrafia e comprometimento no processo de ensino e aprendizagem.....	14
1.1.1 Efeitos negativos da disgrafia no ensino e aprendizagem da criança nos anos iniciais	17
2 O CONHECIMENTO DOCENTE SOBRE A DISGRAFIA COMO FORMA DE ARREFECER O PROBLEMA E EVITAR OS EFEITOS NEGATIVOS QUE PROVOCA NA CRIANÇA	18
2.1 Algumas Metodologias que colaboram para melhorar o ensino e aprendizagem de crianças disgráficas.....	22
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
Referências	25

INTRODUÇÃO

A disgrafia é um transtorno de aprendizagem que tem afetado muitas crianças e gerado vários problemas no contexto escolar. Sendo assim, lidar com essa questão requer uma estreita relação entre professores, alunos, família e sociedade para que trabalhem de forma a facilitar e não a dificultar o processo de aprendizagem.

Sendo assim, o presente trabalho busca discorrer sobre a disgrafia e suas implicações no processo de ensino e aprendizagem no ensino fundamental I, nos levando a refletir sobre os possíveis transtornos que podem ser gerados a partir da despreparação e desconhecimento. O tema foi escolhido mediante exposições do assunto em aulas ministradas pela professora Cirlene Pereira do curso de Pedagogia. Ao me inteirar sobre o tema, minha curiosidade foi despertada o que me permitiu ler e conhecer casos em que a disgrafia se encontrava presente em sala.

Diversas características podem claramente apresentar um diagnóstico prematuro de que uma criança possui disgrafia, tais como: postura gráfica incorreta, posicionamento incorreto ao segurar e posicionar o lápis e ainda ritmo de escrita ágil ou compassada. Mas com a falta de preparação e desconhecimento dos professores são levados a pensar que estas características são propriamente geradas pela preguiça e ou falta de interesse. Esse modo equivocado de pensar, leva ao desprestígio desses alunos em sala de aula, que além de conviverem com a disgrafia, padecem no desconhecimento dos motivos ao qual sua dificuldade na escrita provem, são cotidianamente desfavorecidos de ajuda e julgados erroneamente.

De acordo com Telles *et al* (2017) a disgrafia diz respeito a um transtorno de aprendizagem que leva a criança a apresentar dificuldades no momento de coordenar os músculos da mão e do braço, caracterizado por uma dificuldade crônica e persistente na habilidade motora e espacial da escrita, impedindo que ela escreva de forma legível e ordenada (TELLES, *et al* 2017, p. 67).

Esses autores classificam dois tipos de disgrafia, sendo eles:

Disgrafia motora (discaligrafia): A criança consegue ler e falar bem, mas encontra dificuldade na coordenação motora fina para escrever as letras, palavras e números. Disgrafia disléxica: A criança não consegue relacionar sistemas simbólicos e as grafias que representam as palavras, os sons e as frases. É importante não confundir com a dislexia, pois elas possuem características semelhantes, porém a dislexia está associada à leitura e a disgrafia à escrita. (TELLES, *et al* 2017, p. 68)

Os autores diferem a disgrafia motora da disgrafia disléxica, na primeira, o principal foco é a dificuldade na coordenação motora, já na segunda, há dificuldade em associar símbolos e grafias. Telles *et al* (2017, p. 68) apontam que “são muitas as causas que podem levar a uma escrita alterada: maturativas carateriais e pedagógicas. As primeiras estão relacionadas com perturbações de lateralidade, motricidade e equilíbrio.”

Viñas e Silva (2020) em “Neuro pedagogia da dislexia, disgrafia, discalculia” também trazem uma concepção acerca de o que é a disgrafia:

É uma deficiência na habilidade de escrever, principalmente em termos de caligrafia, mas também em termos de coerência. A disgrafia é uma deficiência de transcrição, o que significa que é um distúrbio da escrita associado a problemas de escrita, codificação ortográfica (ortografia, o processo de armazenamento de palavras escritas e processamento das letras nessas palavras) e sequenciamento de dedos (o movimento dos músculos necessários para escrever) (VIÑAS; SILVA, 2020, p. 71).

O problema de pesquisa deste trabalho está baseado no seguinte questionamento: *como o desconhecimento do professor a respeito da disgrafia pode comprometer o processo de ensino aprendizagem da criança nos anos iniciais?*

O desconhecimento do transtorno aumenta a dificuldade de um rápido diagnóstico que poderia ajudar desde cedo o aluno, evitando que o quadro se agrave cada vez mais. Sem apoio e acompanhamento, os resultados negativos já são visíveis e essas implicações estarão presentes na vida pessoal e profissional da pessoa.

O objetivo geral é investigar de que forma o desconhecimento do professor acerca da disgrafia, pode comprometer o ensino e aprendizagem de crianças disgráficas. No que tange aos objetivos específicos são: definir a disgrafia, relacionar como o conhecimento acerca da disgrafia pelos professores pode contribuir para o desenvolvimento do ensino, expor as implicações que o desconhecimento sobre a disgrafia pode afetar o progresso do aluno.

A justificativa e relevância do trabalho se explicam porque é importante conhecer sobre o tema, no sentido de se obter clareza sobre o transtorno, posto que, o desconhecimento, por parte dos profissionais da educação, dificulta o ensino de alunos que apresentam esse tipo de transtorno. Com a aquisição do conhecimento, pode-se entender melhor não somente sobre a disgrafia, mas também sobre outros transtornos.

Enfim, o trabalho em questão origina-se em parte da necessidade de compartilhar a compreensão da disgrafia, quando em dado momento foi possível perceber que, grande maioria dos profissionais da educação se deparam não somente com esse, mas com outros tipos de transtornos e não sabem lidar, justamente pela falta de informação.

Sabendo que esse obstáculo causa problemas não somente para quem detém o transtorno, que é indiscutivelmente o mais afetado, mas também para o profissional, que se sente, às vezes, incapacitado de ajudar, por não saber de onde advém toda a situação, são extremamente necessários materiais informativos acessíveis para esses profissionais.

No que concerne aos aspectos metodológicos, foram adotados neste trabalho a pesquisa do tipo exploratória e a pesquisa bibliográfica. Segundo Gil (2002, p.41) pesquisas exploratórias “têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses”. Para Marconi e Lakatos a pesquisa bibliográfica é:

[...] um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema. O estudo da literatura pertinente pode ajudar a planificação do trabalho, evitar publicações e certos erros, e representa uma fonte indispensável de informações, podendo até orientar as indagações. (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 158)

Sobre a organização do trabalho está dividido em 3 capítulos. O primeiro capítulo trata dos problemas de aprendizagem, sendo eles os distúrbios, transtornos e dificuldades de aprendizagem, havendo neste capítulo dois subtítulos, o primeiro retrata as características, causas, tipos de disgrafia e o comprometimento no processo de ensino aprendizagem, já o segundo expõe os efeitos negativos da disgrafia no ensino e na aprendizagem das crianças.

O segundo capítulo aborda a importância do conhecimento docente sobre a disgrafia, apontando-o como forma de minimizar os impactos, este capítulo conta com um subtítulo que abarca algumas metodologias colaborativas para o ensino e aprendizagem de crianças disgráficas.

O terceiro capítulo é dedicado às considerações finais onde se retoma o objetivo do trabalho e tecem-se alguns comentários sobre o trabalho em questão.

1 PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM: DISTÚRBIOS, TRANSTORNOS E DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Neste tópico, busco definir a concepção dos problemas de aprendizagem variando entre distúrbios, transtornos e dificuldades de aprendizagem, até chegarmos à disgrafia, tema central de nossa pesquisa. Diferente do que se pensa, essas três vertentes não são iguais, mas facilmente confundidas pela falta de informação, e até mesmo por informações errôneas que são compartilhadas, o que provoca um grau maior de dificuldade na definição dos três assuntos e na identificação, pois, são vários os documentos que se divergem e confundem as informações. Assim sendo, buscando melhor compreensão sobre, precisamos defini-las e classificá-las.

Os problemas de aprendizagem estão diretamente ligados aos distúrbios, transtornos e dificuldades de aprendizagem. Os distúrbios são gerados através de uma disfunção na região parietal do cérebro, interferindo no processo natural da obtenção da aprendizagem, acarretando na disfunção do processamento da informação, no armazenamento das informações, *déficits* nas medidas das habilidades de linguagem (fala, leitura e escrita). Já os transtornos, apresentam disfunção na região frontal do cérebro, comprometimento da atenção seletiva, impulsividade e dificuldade visuo-motor, Cancian e Malacarne (2019).

De acordo com Sulkes¹ (2020, on-line), os transtornos de aprendizagem originam desproporções na *performance* acadêmica, esses circundam deficiências ou dificuldades na computação das informações expostas.

São transtornos que causam discrepâncias entre o potencial e os níveis reais de desempenho acadêmico, assim como as previsões das habilidades intelectuais da pessoa. Os transtornos de aprendizagem envolvem deficiências ou dificuldades na concentração, atenção, linguagem ou processamento visual de informações. O diagnóstico inclui avaliações médicas, psicológicas, intelectuais, educacionais, de fala e linguagem. O tratamento consiste primeiramente na abordagem educacional e, às vezes, terapêuticas médica, comportamental e psicológica.

Para Cancian e Malacarne (2019, p. 2) “Dificuldade de aprendizagem, é um

¹ SULKES, Stephen Brian. **Visão geral dos transtornos de aprendizagem**. MANUAL MSD, 2020. Disponível em: <https://www.msmanuals.com/pt-br/profissional/pediatria/dist%C3%BArbios-de-aprendizagem-e-desenvolvimento/vis%C3%A3o-geral-dos-transtornos-de-aprendizagem>. Acesso em 01 de fev. de 2022.

termo genérico para descrever a defasagem de aprendizado na aquisição de uma ou mais competências, mas sem uma causa evidente”. Ainda, segundo as autoras, a dificuldade de aprendizagem pode surgir mediante algum acontecimento, que traga a criança frustrações, como mudança de escola e troca de professor, bem como de cunho familiar como óbito de um familiar próximo, desentendimentos familiares, chegada de um irmão mais novo, separação dos pais, entre outros.

Já os transtornos de aprendizagem são caracterizados pelas autoras Cancia e Malacarne (2019, p. 2): “[...] pela dificuldade de leitura, escrita ou cálculos de forma isolada ou associada.” Nessa vertente, podemos encontrar a disgrafia bem como a dislexia, e a discalculia, sendo a disgrafia tema de nosso trabalho, causadora de diversas dificuldades, carece de diagnóstico e acompanhamento especializado, para que não venha a causar futuros problemas.

Disgrafia e dislexia não devem ser confundidas, enquanto a disgrafia se trata de um transtorno da escrita, a dislexia se trata de um transtorno da leitura. Semkiv e Silva (2013, p. 29591) definem a dislexia “como uma dificuldade duradoura na aquisição da leitura. Seu quadro varia desde uma incapacidade quase total em aprender a ler, até uma leitura quase normal, mas silabada, sem automatização do código.”

Cancia e Malacarne (2019) enfatizam que dificuldade de aprendizagem não é o mesmo que transtorno, isso causa confusão no momento da identificação. Ressaltam ainda que tanto os pais quanto os professores não são especialistas, portanto não podem diagnosticar a criança, por isso devem observá-la e buscar ajuda de um profissional especializado na área, que possa ajudar, recebendo os devidos tratamentos e recomendações de acordo com a especificidade de cada caso.

Semkiv e Silva (2013, p.2) definem os distúrbios de aprendizagem como: “[...]um termo geral referindo-se a um grupo heterogêneo de transtornos evidenciados em dificuldades na aquisição e uso da escuta, fala, leitura, escrita, raciocínio ou habilidades matemáticas”. Os autores relatam que uma grande parte das crianças que possuem distúrbio de aprendizagem, só os apresentam nos anos iniciais do Ensino Regular, de tal maneira que passam despercebidos no período da infância, o que os leva a repetir de ano e até mesmo à evasão escolar.

Semkiv e Silva (2013, p.3) afirmam que “Os educadores também apresentam preocupações com o tema, visto que trabalhar com um aluno com Distúrbio ou

Dificuldade de Aprendizagem (DA) é desafio constante aos profissionais”. Os autores apresentam preocupações por parte dos educadores em se tratando desse tema, afirmando que o trabalho com crianças que possuem DA se torna uma tarefa desafiadora para os professores.

De maneira errônea, por vezes, a evolução compassada do aluno é vista como culpa do professor que, é tachado como despreparado e sem didática. Por outro lado, existem aqueles que julgam as crianças, dando-lhes diagnósticos incoerentes, assim como trata Semkiv e Silva (2013, p.3-4): “Durante muito tempo, essas crianças foram mal diagnosticadas, rotuladas como preguiçosas, negligenciadas em sala de aula e consideradas como desinteressadas e mesmo desordeiras.”

Ambas vertentes são causadoras de problemas na aprendizagem, por mais que a dificuldade de aprendizagem venha a ser mais fácil de ser diagnosticada, não deve ser vista como menos grave. Todas são empecilhos para um bom desenvolvimento da aprendizagem. Cada uma requer um olhar atento para que possam ser identificadas, repassadas aos profissionais competentes da área (psicopedagogo, psicólogo, fonoaudiólogo, neuropediatra) para que se possa diagnosticar, e fornecer um laudo que auxiliará na regressão do problema.

Faia (2019/2020) ressalta que as identificações dos distúrbios podem ser barradas mediante a falta de conhecimento dos profissionais, levando a um diagnóstico tardio que provavelmente acarretará em maiores problemas futuros, trazendo consigo uma diversidade de limitações.

O próximo tópico apresenta as características, o que pode provocar a disgrafia, os tipos existentes e de que forma pode comprometer o processo de ensino e aprendizagem do aluno.

1.1 Características, causas, tipos de disgrafia e comprometimento no processo de ensino e aprendizagem

A disgrafia se encontra entre um dos transtornos/distúrbios de aprendizagem mais pronunciados em meio ao âmbito escolar na contemporaneidade. Hudson (2019) afirma que pode haver três tipos de disgrafia: disgrafia espacial; disgrafia motora e a disgrafia de processamento também conhecida como disgrafia disléxica.

A autora descreve a disgrafia espacial como:

Disgrafia espacial: processamento visual e compreensão do espaço deficiente. Isso causa dificuldade tanto para escrever em linha reta como no espaçamento das letras. Ações como desenhar e colorir também são afetadas. Tanto o trabalho copiado como o original são desorganizados e podem ser ilegíveis. A ortografia é normal (HUDSON, 2019, p. 71).

A disgrafia espacial é exposta pela autora como sendo um fator diretamente direcionado à visão, de maneira com que o espaço a ser analisado não é devidamente assimilado. Por esse motivo, a escrita se torna dificultada, haja vista que as palavras não são devidamente dispostas sobre as linhas e as palavras não possuem o espaçamento necessário. Esse comprometimento visual não atinge a ortografia da criança, como é afirmado pela autora, no entanto, sua percepção espacial implica em sua escrita.

Hudson (2019) trata a disgrafia motora como sendo um comprometimento dos músculos das mãos e dos punhos, interferindo na coordenação motora fina, de maneira que a escrita se torna debilitada. Esse tipo de disgrafia também não afeta a ortografia, mas não permite que o aluno leia o que o próprio escreveu, devido a sua escrita desalinhada.

Por último, a disgrafia de processamento:

Disgrafia de processamento (às vezes chamada de disgrafia disléxica): dificuldade em visualizar a aparência das letras em uma palavra, o que resulta em letras malformadas e na ordem errada quando escritas. O trabalho original escrito é ilegível, mas o trabalho copiado é razoavelmente bom. A ortografia é ruim (HUDSON, 2019, p. 71).

A dificuldade na visualização das letras em uma palavra, como relatado pela autora, faz com que, ao escrever, a criança mude a posição das letras ou altere seu formato, fazendo com que as palavras se tornem ilegíveis ao final da escrita autônoma, por sua vez as palavras, quando copiadas, conseguem ser melhor visualizadas.

Com isso, podemos perceber que a disgrafia não somente pode vir a atrapalhar a escrita como também questões do cotidiano, como a manipulação de objetos que exijam a coordenação motora fina, direcionada à disgrafia motora. O processo de escrita se torna cansativo e doloroso à criança que, após diversas tentativas tem como resultado palavras difíceis de se ler, dor no pulso e nas mãos, esgotamento psicológico, causando-lhe sentimento de frustração.

Hudson (2019) coloca ser necessário tornar flexível o tempo de aprimoramento da escrita, sendo a escrita avaliada de acordo com seu conteúdo e não de acordo com sua estética. Nesse momento, o pedagogo deve visualizar a situação buscando sempre a melhor forma de promover a evolução e o desempenho de seu aluno, deixando-o confortável, ao invés de submetê-lo a atividades caligráficas que para ele são desconfortáveis.

De acordo com as características de cada disgrafia apontadas por Hudson (2019), se pode notar comprometimento no processo de ensino e aprendizagem, alguns exemplos são: dificuldade para desenhar ou colorir, dificuldades para ler mapas ou seguir instruções, problemas em apresentar respostas aritméticas ou com geometria (disgrafia espacial); escrita muito lenta.

Cordeiro expõe as seguintes características e tipos para uma pessoa disgráfica:

Letra excessivamente grande (macrografia) ou pequena (micrografia), disgrafia relacionada ao tamanho; Forma das letras pobres; Alinhamento incorreto; Traçado exagerado e grosso (que vinca o papel) ou demasiado suave e imperceptível, disgrafia de pressão; Espaçamento irregular das letras ou palavras, que podem parecer desligadas, sobrepostas/ilegíveis ou pelo contrário, demasiado juntas, disgrafia de ligação; Desorganização geral na folha/texto; Escrita demasiado rápida ou lenta; Utilização incorreta do instrumento com que escrevem [...]. (CORDEIRO, s.d. p. 4)

Para Souza, as principais características da disgrafia são:

Letra ilegível – lentidão na escrita; Escrita desorganizada; Traços irregulares: ou muitos fortes que chegam a marcar o papel ou mais leves; Desorganização das letras: letras retocadas, hastes mal feitas, atrofiadas, omissão de letras, palavras, números, formas distorcidas, movimentos contrários a escrita (um S ao invés do 5 por exemplo); Desorganização das formas: tamanho muito pequeno ou muito grande, escrita alongadas ou comprimida; O espaço que dá entre as linhas, palavras e letras são irregulares; Liga as letras de forma inadequada e com espaçamento irregular. (SOUZA, 2016, p. 14)

As características expostas por Souza demonstram as possíveis dificuldades que a criança terá no processo de escrita, mas não somente nela como também na realização de alguma pintura, em decorrência de seus traços não serem detalhados o aluno não consegue, traçar o desenho que almeja, ou até mesmo realizar a pintura de alguma obra de arte.

1.1.1 Efeitos negativos da disgrafia no ensino e aprendizagem da criança nos anos iniciais

Com a disgrafia, a criança pode acabar não conseguindo acompanhar os demais alunos, podendo ficar prejudicado caso alguma providência não seja tomada, como a procura por um profissional. Como afirma Nascimento (2021, p. 32) “[...] a criança disgráfica, além de ter problemas no ato de escrever possui dificuldade para compreender qualquer frase e texto.” Incluindo a sua própria letra, que se torna de difícil compreensão, mesmo a criança sendo a autora da palavra, frase ou texto, para ela assim como para os outros a leitura é impossibilitada.

Ressaltando que a disgrafia se refere ao ato da escrita, na qual o escritor se encontra com dificuldades, que o impossibilitam de exercer suas funções motoras, podendo intervir na ortografia, como afirma Souza (2015, p. 16) “algumas pessoas com disgrafia também pode possuir disfunção disortográfica.” No entanto a disgrafia não deve ser associada a questões intelectuais.

Com todas as eventualidades recorrentes em sala como insultos, desprezos e momentos de estresse por parte de alguns professores, a criança se sente insegura, o que a impede de obter um bom progresso em sala, a conclusão que essa criança pode chegar é a de que não vale a pena tentar escrever, pois ela não irá conseguir, então não fará sentido se submeter a tal situação. Segundo Telles, Lucio, Alcantara (2017, p. 77) as crianças “[...] sofrem na escola por não conseguirem apresentar os seus trabalhos de forma correta.”

O efeito de insegurança, não é atribuído apenas a esses acontecimentos entre professor e aluno, mas também entre os próprios alunos como afirma Souza:

“Toda criança que possui dificuldades na realização das atividades, que são mais lentas na execução de alguma tarefa e apresentam um rendimento inferior aos dos demais alunos são ignorados pelos demais na realização de uma tarefa em grupo dentro da sala de aula.” (SOUZA, 2015, p. 17)

Este tipo de exclusão agrava ainda mais o quadro, onde a criança se sente abandonada pelos colegas, ficando com suas emoções abaladas e interferindo ainda mais em seu desenvolvimento.

2 CONHECIMENTO DOCENTE SOBRE A DISGRAFIA: FORMA DE ARREFECER O PROBLEMA E EVITAR SEUS EFEITOS NEGATIVOS NA CRIANÇA

O educador que desconhece ou sabe pouco sobre a disgrafia certamente enfrentará adversidades. O fato é que infelizmente, grande parte dos educadores nunca se quer ouviram falar sobre a disgrafia, e muito menos que se trata de um transtorno, ou que este esteja relacionado a escrita.

A disgrafia pode ser percebida mediante fatores observáveis expressas pelos alunos. No entanto, deve-se ficar atento, não se pode denominar qualquer dificuldade na escrita como sendo um transtorno, deve-se ter em mente o percurso trilhado pelo educando, seu processo de construção da escrita, de maneira natural, já que a criança precisa de algum tempo para dominar o traçado das letras. Com essas informações pode-se entender as dificuldades e limitações, para enfim determinar se se trata ou não de um transtorno de aprendizagem.

Paiva e Sousa (2021) asseveram que no decorrer do processo de escrita, o educador deve direcionar aos alunos à devida escrita, para que assim possa impedir a subsequência de traçados incorretos. Grande parte dos educadores não possui o conhecimento ou o aprofundamento necessário sobre a disgrafia para minimizar ou evitar complicações. Enquanto não se sabe o que leva o aluno a realizar determinadas ações, o professor, através de um ato de resolver a situação, acaba por dar ao aluno um “diagnóstico precoce” e sem fundamentações.

Para entender melhor como esse diagnóstico pode implicar nas ações dessa criança podemos posicionar aqui um exemplo visto na medicina, quando o médico chega a um diagnóstico errado de seu paciente, a partir desse diagnóstico, se inicia um tratamento, no entanto, se trata de um problema inexistente visto que o diagnóstico dado é inverídico. Os métodos aplicados a esse tratamento podem gerar um problema diferente ou agravar o existente.

O mesmo fato pode ocorrer quando o docente atribui ao discente um “diagnóstico equivocado”, gerando efeitos negativos ou agravando ainda mais a situação. Por outro lado, quando o professor detém o conhecimento, sabe distinguir os distúrbios/transtornos, observando a especificidade de cada criança ele consegue identificar e auxiliá-lo.

Uma grande porcentagem de professores não tem conhecimento sobre os

distúrbios de aprendizagem. Como pode ser visto no “Estudo analítico do conhecimento do professor a respeito dos distúrbios de aprendizagem”, realizado em uma Escola Pública Municipal da cidade de São Paulo, no ano letivo 2009/2010, por Lopes e Crenite:

Para os professores os problemas que aparecem em sua sala de aula são nomeados como dislexia (28%), distúrbios fonológicos (16%), TDAH (28%) e distúrbio de aprendizagem (32%), sendo que 32% declararam desconhecer os termos mencionados antes da intervenção formativa[...] (LOPES; CRENITE 2013, p.1220)

Após a intervenção pôde ser notada, de forma considerável, uma diferença nos dados, posto que os professores mudaram suas classificações “[...] contudo, depois da intervenção formativa, houve sensível alteração dos dados: os professores passaram a classificar e compreender as manifestações encontradas em distúrbios como dislexia (72%), distúrbios fonológicos (76%), TDAH (52%) e distúrbio de aprendizagem (52%) [...]” Lopes e Crenite (2013, p.1220).

Pequenos atos podem auxiliar o aluno em sala de aula para que esse não se sinta incapacitado mediante suas dificuldades. Atividades e atitudes corretas contribuem para a evolução e um bom progresso, como afirma Oliveira:

Observa-se que no contexto escolar, é fundamental desempenhar atividades adequadas às dificuldades de escrita dos alunos, com materiais ricos em conhecimentos, diversificados e, sobretudo concretos. Isto é, precisa-se sim de uma metodologia diferenciada de ensino-aprendizagem, mas essa tem que estar de acordo com a realidade, com as necessidades e as limitações específicas de aprendizagem dos alunos. Ao mesmo tempo, é preciso que o professor/ educador em sala de aula, saiba elogiar os pequenos progressos dos educandos [...] (OLIVEIRA, 2017, n.p.)

Para alguns, o simples ato de elogiar a criança nessa situação pode parecer incorreto, visto que, para essas pessoas, a criança em questão está realizando suas atividades de maneira errada, diante disso não merecem elogios, ou palavras positivas.

Eventualmente se pode afirmar que a disgrafia afeta, em maioria, crianças na alfabetização:

Entende-se que a disgrafia afeta em geral crianças em idade de alfabetização. Até as três primeiras séries é normal que as crianças façam confusões ortográficas, pois os sons e palavras impostas ainda não são dominados por elas. Para tanto, é preciso cuidado e atenção, caso ainda aconteça essas trocas ortográficas com o tempo (GOMES *et al.*, 2011, n.p.)

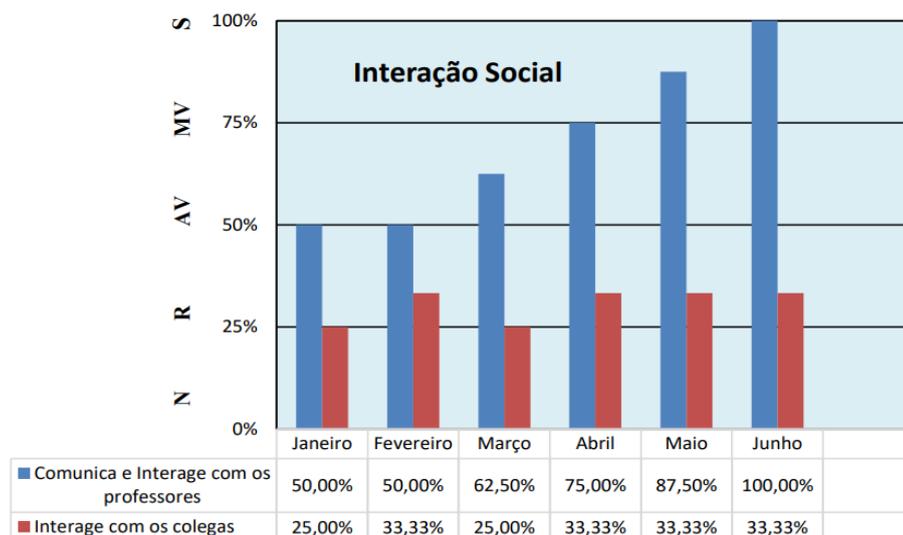
Tendo a afirmação em mente, entende-se que a criança que tenha, por volta de oito anos, pode não ser disgrafia, apenas uma confusão ortográfica, no entanto, se esse período for excedido, pode haver, em alguns casos, a presença da disgrafia, cabe a todos o olhar atento.

Conforme Ferreiro (2011, p. 21) “O modo tradicional de se considerar a escrita infantil consiste em se prestar atenção apenas nos aspectos gráficos dessas produções, ignorando os aspectos construtivos”. Todo o percurso pode ser avaliado e acompanhado, os períodos indicam a evolução da criança, assim como se seu progresso está ou não caminhando como deveria. Aspectos como:

Distinção entre o modo de representação icônico e não icônico; a construção de formas de diferenciação (controle progressivo das variações sobre os eixos qualitativo e quantitativo); a fonetização da escrita (que se inicia com um período silábico e culmina no período alfabético). (FERREIRO, 2011, p. 22).

Podem ser visualizados e seguidos de perto, para analisar se a criança caminha ou não para algum transtorno, se tratando em específico aqui a disgrafia. A avaliação ortográfica deve ser feita pelo professor, para analisar a dificuldade ortográfica do aluno, em especial a atenção aqueles que substituem letras ou sílabas de palavras que já são conhecidas. O professor deve sempre manter uma boa relação com seus alunos, isso é fato, mas como isso pode vir a auxiliar um educando disgráfico? O aluno que possui em seu educador laços de confiança não temerá em solicitar ajuda, como pode ser observado nos resultados da pesquisa realizada por Faia (2019/2020) a seguir:

Gráfico 1 - Frequência verificada no Domínio da Interação Social



Fonte: FAIA, 2019/2020

O gráfico refere-se a uma pesquisa realizada com diferentes dados que abrange os meses de janeiro a junho, fazendo uso de pesquisas qualitativas e quantitativas, contando com a participação de 12 professores que integram a turma ao qual o aluno diagnosticado com disgrafia está inserido; este aluno é do sexo masculino, de um agrupamento do distrito de Braga, que no dado momento frequentava o oitavo ano.

De acordo com Faia (2019/2020), o aluno gozava de suporte de aprendizagem e inclusão, e contava com acompanhamento psicopedagógico, beneficiado pelo Decreto-Lei n.º 54/2018, de 6 de julho. A autora informa ainda que, o aluno apresentava desconforto e desânimo mediante os resultados obtidos no primeiro período, que geraram indisciplinas. Mediante a situação a docente da Educação Especial, propôs que adaptações fossem refeitas, nas disciplinas as quais o aluno apresentava maior dificuldade, inserindo providências facilitadoras para sua aprendizagem, como por exemplo: respostas de múltipla escolha e a valorização das respostas orais.

Em análise, Faia (2019/2020, p.50) relata que “de facto, de início o aluno interagiu com professores Às Vezes, mas quando solicitado e com certezas absolutas. O receio de errar e de ser alvo de “chacota” (termo usado pelo aluno) fazia com que este se retraísse.”

Com o relato da autora, podemos ter compreensão de como o aluno se sente

inseguro, teme sempre ser foco de zombarias, e por isso só interage quando é requisitado e tendo ele certeza plena da atividade em questão. Fica claro que não somente a escrita é afetada, mas o aluno, como um todo, mediante o transtorno, se fecha e sua interação social fica prejudicada.

Tomando a escrita como um meio de comunicação, é indispensável para os meios de interações atuais, compreendermos a sua importância para a socialização e convivência. Para tanto, observa-se que a disgrafia impede que o indivíduo faça parte das interações de maneira íntegra em diversas situações.

2.1 Algumas Metodologias que colaboram para melhorar o ensino e aprendizagem de crianças disgráficas.

Na contemporaneidade, cada vez menos, fazemos o uso da escrita manual, pegar o lápis e escrever um texto se tornou uma tarefa cada vez mais difícil de se presenciar. “E de certa forma se torna um meio de driblar um problema já frequente e até mesmo desenvolver esse tipo de disfunção no futuro.” (SOUZA, 2015, p. 16).

Para auxiliar o aluno, primeiramente, o educador deve criar um vínculo com o educando, para que ele saiba que pode contar com a ajuda do professor, e não recuar ao realizar os exercícios propostos. Dantas (2022) ressalta a importância de se tecer elogios ao educando pelo seu esforço, mesmo que o resultado de sua escrita não seja o esperado.

Manter a atenção sobre como o aluno se sente com o exercício proposto faz parte da metodologia a ser aplicada. Por vezes, o aluno pode se mostrar desmotivado com a realização da atividade, com isso os resultados podem ser insatisfatórios.

As atividades devem sempre ser elaboradas de acordo com a etapa de desenvolvimento em que o educando se encontra, do contrário, ele encontrará grandes dificuldades de realizá-las e, possivelmente, desistirá por não conseguir.

Os encaminhamentos metodológicos devem ser iniciados assim que se constata a veracidade do transtorno para que não haja maiores implicações na aquisição e no desenvolvimento da escrita, como afirma Dantas (2022, p. 187) “constatar o distúrbio logo no início é de grande relevância para que o professor possa realizar os encaminhamentos metodológicos necessários, impedindo comprometimento específicos e significativos na aquisição da escrita.”

Estar atento aos passos de aprendizagem do aluno é papel indissociável para a família e para o educador. Juntos podem fornecer maior apoio, gerando no aluno maior confiança, propiciando a ele um ambiente acolhedor em que possa progredir com confiança.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou averiguar de que forma o desconhecimento do professor quanto à disgrafia pode interferir no processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

Em consonância, com as pesquisas levantadas, percebeu-se que a disgrafia é tema, ainda, pouco estudado, com poucas pesquisas de campo sobre o que torna um tema pouco conhecido pelos professores.

Embora seja um pouco escasso pesquisas empíricas, a disgrafia atinge muitas crianças em idade escolar e isso requer um cuidado maior no tratamento e acompanhamento dessas crianças. O professor, nesse contexto possui uma responsabilidade grande no sentido de se informar mais a respeito, inteirar-se melhor sobre o problema para que, assim, possa interferir de forma correta e significativa no aprendizado da criança disgráfica.

Verificou-se também que quanto mais cedo, o diagnóstico for dado por um profissional qualificado e o quanto antes iniciar as medidas pedagógicas necessárias, melhor será para o desenvolvimento do aluno.

Os estudos apontaram a importância e relevância da participação e acompanhamento familiar da criança disgráfica. Essa prática também contribui demasiadamente para aumentar a autoestima e o aprendizado dessa criança.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Laura Monte Serrat. Dificuldades De Aprendizagem: Dislexia E Disgrafia Na Era Da Informação. **Rev. Psicopedagogia**, Curitiba-PR, 22(69): 230-42, 2005. Disponível em: <<https://cdn.publisher.gn1.link/revistapsicopedagogia.com.br/pdf/v22n69a07.pdf>>. Acesso em 10 jan. 2023

CANCIAN, Queli Ghilardi & MALACARNE, Vilmar. **Diferenças entre dificuldades de aprendizagem e transtornos de aprendizagem**. FAG, 2019. Disponível em: <https://www.fag.edu.br/novo/pg/congressoeducacao/arquivos/2019/DIFERENCAS-ENTRE-DIFICULDADES-DE-APRENDIZAGEM-E-TRANSTORNOS-DE-APRENDIZAGEM.pdf> . Acesso em: 02 de fev. de 2022.

FAIA, Adélia Maria de Barros Dias. **A Disgrafia à luz das Neurociências Estudo de caso**. Dissertação de Mestrado em Educação Especial, Domínio Cognitivo Motor - IESF- Escola Superior de Educação de Fafe, Portugal, 2019/2020. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwj5ioaipdn0AhXNppUCHQxKdHYQFnoECAQQAQ&url=https%3A%2F%2Fcomum.rcaap.pt%2Fbitstream%2F10400.26%2F35807%2F1%2FAD%25C3%2589LIA-%2520disserta%25C3%25A7%25C3%25A3o..pdf&usq=AOvVaw3SesY8vwGRJr5r2bdzEPHB>>. Acesso em: 07 dez. 2021.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. Vol. 6 São Paulo: Cortez, 2011. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiWlbCypNn0AhUgH7kGHVrjBewQFnoECAUQAQ&url=https%3A%2F%2Fedisciplinas.usp.br%2Fpluginfile.php%2F5342947%2Fmod_resource%2Fcontent%2F1%2FReflex%25C3%25B5es%2520sobre%2520Alfabetiza%25C3%25A7%25C3%25A3o%2520.pdf&usq=AOvVaw3U7I3A1VR1qt4IG9BNAvAg>. Acesso em 08 dez. 2021.

GIL.A.C. (2002) **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4°. ed. São Paulo: Atlas S/A.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. Ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2003.

NASCIMENTO, Juliana Silva. **Dificuldades de aprendizagem na escrita: reflexões sobre a disgrafia e a disortografia**. Repositorio ufal, 2021. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/123456789/8017/1/Dificuldades%20de%20aprendizagem%20na%20escrita%20reflex%C3%B5es%20sobre%20a%20disgrafia%20e%20a%20disortografia.pdf>>. Acesso em: 25 de ago. de 2022

OLIVEIRA, Rosane de Machado. A Importância de Analisar as Dificuldades de Aprendizagem no Contexto Escolar – Dislexia, Disgrafia, Disortográfica, Discalculia e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 02, Ed. 01, Vol. 16. pp. 492-521, março de 2017. Disponível em: <

<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/dislexia-disgrafia-disortografica>>. Acesso em: 24 de ago. de 2022.

SEMKIV, Silvia Iris Afonso Lopes. & SILVA, Cleide Ferreira. **Um estudo sobre os distúrbios e dificuldades de aprendizagem na perspectiva da avaliação psicoeducacional num município de pequeno porte do estado do paraná.** EDUCERE Curitiba-PR, 23 a 26 de set. de 2013. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/7657_5028.pdf . Acesso em: 03 de fev. de 2022.

SULKES, Stephen Brian. **Visão geral dos transtornos de aprendizagem.** MANUAL MSD, 2020. Disponível em: <https://www.msmanuals.com/pt-br/profissional/pediatria/dist%C3%BArbios-de-aprendizagem-e-desenvolvimento/vis%C3%A3o-geral-dos-transtornos-de-aprendizagem>. Acesso em 01 de fev. de 2022.

TELLES, Fernanda et al. DOCPLAYER. Um olhar psicopedagógico sobre a disgrafia. **Revista Episteme Transversalis**.V.8, n.2, jul./dez.2017, pp.64-79. Disponível em: <http://docplayer.com.br/87975588-Um-olhar-psicopedagogico-sobre-a-disgrafia.html>. Acesso em: 07 dez. 2021.

VIÑAS, Suzana Portuguese & SILVA, Roberto Aguilar Machado Santos. **Neuro pedagogia da dislexia, disgrafia, discalculia.** Santo Angelo-RS: Autoria própria, 2020. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjYmqy0qdn0AhWzr5UCHQQiA7oQFnoECAUQAQ&url=https%3A%2F%2Fdocero.com.br%2Fdoc%2Fx1vnc0s&usg=AOvVaw173d2le2Y2hhq3sKQH2O9X> >. Acesso em 08 dez. 2021